

ALINHAMENTO, BALANCEAMENTO, DIREÇÃO E SUSPENSÃO: CONSTATAÇÕES SOBRE OS SUBSTANTIVOS DEVERBAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Janderson Lemos de Souza (UNIFESP)¹

RESUMO

Seguindo a perspectiva da Linguística Cognitiva, este artigo procura mostrar que a formação e a distribuição dos substantivos deverbiais do português brasileiro são semanticamente motivadas. Analisando formações em –mento e –ção em uso, destaco a diferença entre interpretações verbais e interpretação nominais e defendo a concepção de formação de palavras, em geral, e de substantivos deverbiais, em particular, não por processos e regras formais como postulados pelo gerativismo lexicalista, e sim pela ativação de padrões morfossemânticos por motivação cognitiva e por força do uso.

PALAVRAS-CHAVE: léxico, morfologia, semântica, Linguística Cognitiva

1. INTRODUÇÃO

Desde Basilio (1987), os processos de formação de palavras são entendidos, do ponto de vista gerativo lexicalista, como fenômenos morfológicos devidos a três funções, isolada ou conjuntamente: a **função sintática**, ou de mudança de classe; a **função semântica**, ou de denominação; e a **função discursiva**, que se dividiria em função de atitude subjetiva e função textual. A formação de substantivos a partir de verbos é apresentada como exemplo de concorrência de funções:

O caso mais nítido de função mista é o da nominalização. Vimos em seções anteriores que os processos de nominalização apresentam um aspecto sintático nítido e exercem funções textuais. Podemos acrescentar a isso a função semântica da nominalização, derivada da função básica do léxico, a função de denominação. Nesse sentido, a nominalização permite a referência a um processo verbal como a um tipo de evento, ação, estado, etc., independentemente de circunstâncias particulares.

Por exemplo, na frase (...) Detesto guerras, odeio destruição., fica claro que a forma nominalizada destruição é construída apenas para fins de referência ao complexo semântico destruir de uma maneira nominal, ou seja, como a uma entidade em si,

1. Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor Adjunto de Língua Portuguesa na UNIFESP. E-mail:janderson.souza@unifesp.br

independente de instâncias particulares do evento, e suas associações de tempo, sujeito e objeto verbal, etc. (Basilio, 1987, 78-79)

Em diálogo com essa proposição clássica, defendo, em Lemos de Souza (2010), que, do ponto de vista da Linguística Cognitiva, é mais adequado conceber a formação de palavras como um fenômeno semântico com repercussão morfológica, e não como um fenômeno morfológico sensível ao fator semântico. Desse ponto de vista, a distribuição semântica dos substantivos deverbais se explica a partir da polissemia do verbo-base, e a nominalização é definida como transformação de significados verbais em significados nominais, sendo *verbo* e *nome* tomados como categorias semânticas, não como classes morfológicas, e a mudança de classe morfológica como um epifenômeno, portanto.

Um dos avanços que vejo na minha proposta é o abandono da noção de bloqueio, não apenas porque só faz sentido numa teoria formal como o lexicalismo gerativo (a substituição do quadro teórico já imporia a substituição dos conceitos a ele vinculados), como também por sua incapacidade de explicar por que existem pares como *monitoração/monitoramento*, *internação/internamento*, *diversão/divertimento* e tantos outros no português brasileiro. Em vez da atuação do bloqueio, vejo a atuação conjunta do Princípio do Poder Expressivo Maximizado e do Princípio de Economia Maximizada – entendidos, segundo a própria autora que os propõe, como “princípios psicológicos gerais de organização da linguagem” (Goldberg, 1995, 67):

III. Princípio do Poder Expressivo Maximizado: o inventário de construções é maximizado em favor de objetivos comunicativos.²

IV. Princípio da Economia Maximizada: o número de construções diferentes é minimizado tanto quanto possível, dado o Princípio III.³

Tais princípios se restringem mutuamente. Aplicados ao léxico, apontam para a maximização da polissemia no limite da vagueza até o ponto em que a comunicação exige a criação de itens lexicais e para a expansão lexical como última instância. O equilíbrio entre **expressividade** (para cada verbo, o máximo de substantivos deverbais possível) e **economia** (para cada verbo, o mínimo de substantivos deverbais possível) prevê que ora exista uma única contraparte nominal para determinado verbo ora exista mais de uma, sem qualquer impedimento a que, em prol de “objetivos comunicativos”, se formem mais de duas contrapartes nominais para o mesmo verbo (como me parece ser o caso de *pertencer* – *pertencimento/pertença/pertinência*).

Já a convivência entre substantivos formados a partir do mesmo verbo é explicada segundo o Princípio da Não-sinonímia:

II. Princípio da Não-sinonímia: se duas construções são sintaticamente distintas, elas têm de ser semântica ou pragmaticamente distintas.

Corolário A: se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não podem ser pragmaticamente sinônimas.

2. The Principle of Maximized Expressive Power: The inventory of constructions is maximized for communicative purposes.

3. The Principle of Maximized Economy: The number of distinct constructions is minimized as much as possible, given Principle III.

Corolário B: se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não podem ser semanticamente sinônimas.⁴

Atribuo a tal princípio a “(...) especialização no significado da forma concorrente, passando ambas a co-ocorrer. É o que acontece com os deverbais *recebimento* e *recepção*, ou com os deadjetivais *claridade* e *clareza*” (Nascimento, 2006, 107).⁵

O desafio colocado pelo Princípio da Não-sinonímia está na distinção entre sinonímia semântica e sinonímia pragmática, ressalvado que “A distinção entre semântica e pragmática (ou entre conhecimento linguístico e extralinguístico) é altamente artificial, e a única concepção viável da semântica é uma que evite falsas dicotomias como essa (...)” (Langacker, 1987, 154).⁶ A solução prevista programaticamente pela Linguística Cognitiva é exatamente a aferição de distinções como essa com base no uso, o que me leva a atender à convocação deste número da revista *Linguística*, dedicado a “reunir estudos orientados por uma perspectiva dos modelos baseados no uso da língua”.

A validade de uma descrição linguística ser medida em função de sua fidelidade ao que os falantes realmente dizem me parece ir além do compromisso com o Funcionalismo, do qual a Linguística Cognitiva se origina, e sim tarefa primordial da Linguística. Lembremos o clássico Lyons (1968) quanto aos riscos de uma descrição linguística estritamente baseada em dados de introspecção:

Na descrição de uma língua falada hoje, o linguista geralmente terá à sua disposição um conjunto de proferimentos registrados (seus “dados” ou “corpus”) e também poderá consultar falantes nativos da língua (seus “informantes”). Obviamente, ele poderá ser seu próprio informante se estiver descrevendo sua própria língua, mas, nesse caso, terá de estar atento ao risco de produzir para a descrição um corpus que inclua somente as sentenças que satisfaçam às suas ideias preconcebidas sobre a estrutura da língua.⁷

Portanto, o que passo a fazer na próxima seção é demonstrar que o uso de alguns substantivos deverbais torna defensáveis as hipóteses que proponho para o tratamento de todos em geral.

4. The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically distinct. Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically) synonymous. Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous.

5. Em Lemos de Souza (2010), não explicito o compromisso com este princípio, e sim com o Princípio da Motivação Maximizada, que continuo considerando diretamente aplicável ao fenômeno estudado. Neste artigo, assumo a pertinência dos quatro princípios propostos por Goldberg (1995) ao fenômeno, e não de três deles.

6. The distinction between semantics and pragmatics (or between linguistic and extralinguistic knowledge) is largely artifactual, and the only viable conception of linguistic semantics is one that avoids such false dichotomies (...)

7. In the description of a modern spoken language the linguist will usually have available a collection of recorded utterances (his ‘data’, or ‘corpus’) and he will also be able to consult native speakers of the language (his ‘informants’). He may of course be his own informant if he is describing his own language; but in this case he must be on his guard against the danger of producing for description a corpus of material which includes only such sentences as satisfy his preconceived ideas about the structure of the language. (p. 138)

2. A NOMINALIZAÇÃO COMO FENÔMENO SEMÂNTICO

Como digo na introdução, a proposta de concepção da nominalização como um fenômeno semântico com repercussão morfológica, e não como um fenômeno morfológico sensível ao fator semântico, pressupõe polissemia no verbo-base. Da mesma forma que, no exemplo oferecido por Nascimento (2006) acima, o sentido de *claro* em *clareza* é diferente do sentido de *claro* em *claridade*, entendo que o sentido de *aparecer* em *aparicação* é diferente do sentido de *aparecer* em *aparecimento*.

Eis a concepção de polissemia que sustenta a proposta:

A polissemia é uma forte evidência de que categorizamos, pelo menos na maior parte das vezes, não na forma de condições individualmente necessárias e conjuntamente suficientes e, portanto, não à maneira das chamadas categorias clássicas, mas na base de protótipos, tal como têm sido entendidos e estudados pela Psicologia Cognitiva e pela Semântica Cognitiva, através da semântica do protótipo. Se a categorização se processasse na base de propriedades comuns e segundo o princípio aristotélico do “terceiro excluído”, pelo qual uma entidade ou coisa não exibe ou não exibe determinada característica, ou pertence ou não pertence a determinada categoria, então a infinidade e diversidade de coisas, processos, relações, etc. que constituem o nosso mundo exigiria não só categorias monossêmicas ou, pelo menos, mais simples, como também um número infinitamente superior de categorias, o que garantidamente comprometeria a aprendizagem e o uso de uma língua. A naturalidade e frequência com que a maior parte das categorias tende para o sentido múltiplo mostra bem como elas se estruturam à volta de um centro prototípico; como diferentes ‘coisas’ se podem assemelhar, de diferentes modos, ao protótipo e assim serem integradas numa mesma categoria; e como a pertença a uma categoria não requer a verificação de todas as propriedades ‘esperadas’, donde os seus membros não precisarem de partilhar um conjunto de propriedades comuns. (Soares da Silva, 2006, 297)

A Linguística Cognitiva nasceu reagindo com inflação de polissemia à inflação de homonímia proposta pela Linguística Gerativa. Esse debate não cabe neste artigo. O que importa aqui é caracterizar o que se entende como “processos de formação de palavras” como “ativações de padrões morfossemânticos”, em que a polissemia atua fortemente.

Um verbo como *contar*, que produz tanto o sentido relativo a calcular o número quanto o sentido relativo a narrar, oferece cada um desses sentidos – e não a si próprio como forma associada a uma classe de palavras! – como base para a ativação, respectivamente, do padrão que envolve –agem e do padrão que envolve –ção (ex.: contagem de alunos / contação de histórias). Um verbo como *executar*, que produz tanto o sentido relativo a matar quanto o sentido relativo a atuar num papel profissional corporativo, oferece cada um desses sentidos como base para a ativação, respectivamente, do padrão que envolve –(d/t)or e do padrão que envolve –(t)ivo (*executor* vs. *executivo*). E assim sucessivamente, como no exemplo citado de Nascimento (2006), acima, em que o adjetivo *claro*, que produz tanto um sentido físico, experiencial, ligado a um esquema imagético, quanto um sentido metafórico, ligado a um modelo cognitivo idealizado, oferece cada um desses sentidos como base, respectivamente, de *claridade* e *clareza*.

Uso o verbo *produzir*, e não o verbo *ter*, em relação aos sentidos associados a cada forma para enfatizar a concepção não-entitativa de significado que me parece caracterizar a Linguística Cognitiva, ainda que mentalista e representacionista como a Linguística Gerativa. Mas essa é outra discussão que não cabe aqui. O que convém esclarecer aqui é que, nesta proposta, o significado do que se entende por “palavra derivada” não é composicional – significado da base + significado do sufixo – e sim o efeito da delimitação de um dos sentidos produzidos por uma forma polissêmica como base e do poder distintivo do sufixo envolvido. Os sufixos são tomados como semanticamente especializados, não pelo significado que portam e agregam às bases, e sim pelo poder de distinguir que sentido está atuando como base (ex.: uma vez em –ção, não em –mento; uma vez em –(d/t)or, não em –(t)ivo; uma vez em –idade, não em –eza...).

Uma complexidade que a nominalização de verbos apresenta em relação à nominalização de adjetivos é que substantivos deverbais podem ter interpretação verbal – mais ligada à categoria de que parte o fenômeno, razão por que a considero prototípica – ou interpretação nominal – mais ligada à categoria em que resulta o fenômeno, razão por que a considero periférica. Em Lemos de Souza (2010), enfatizo o papel da metonímia em interpretações nominais listadas (ex.: *estacionamento* e *recepção* como lugares, e não como o ato de estacionar e de receber, respectivamente), mas toda interpretação nominal é metonímica, listada ou não.

Concebidas as categorias *verbo* e *nome* como “(...) dois modos de processamento cognitivo que podem ser invocados para a conceptualização de uma cena complexa (...)”⁸ (Langacker, 1987, 144), defendo que a nominalização de verbos é um processo cognitivo de conversão de **escaneamento dinâmico**, que “(...) envolve a transformação de uma configuração em outra ou uma série contínua de tais transformações (...)”⁹ (p. 145), em **escaneamento estático**, com “(...) cada grupo de eventos contribuindo com algo para uma única configuração, cujos aspectos são todos concebidos como coexistentes e simultaneamente disponíveis”¹⁰ (p. 145). Em outras palavras, a nominalização consiste na substituição de um esquema imagético em que há participação do tempo por um esquema imagético em que não há participação do tempo na conceptualização da cena cognitiva.

Os esquemas imagéticos são “gestalts experienciais [...] que emergem a partir da atividade sensorio-motora, conforme manipulamos objetos, orientamo-nos espacial e temporalmente e direcionamos nosso foco perceptual com diferentes propósitos” (Gibbs & Colston, 1995, 347), ou “(...) padrões imaginativos, não-proposicionais e dinâmicos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objectos e de interações perceptivas. Eles apresentam uma estrutura interna, ligam-se entre si através de transformações e podem ser metaforicamente elaborados para a conceptualização de conceitos abstractos” (Soares da Silva, 2006, 185).

Para dar conta da interpretação verbal dos substantivos deverbais, lanço mão da distinção proposta por Langacker (1987) entre *episódios* – nomes que indicam “um único episódio do processo indicado pelo verbo-base”¹⁰ (p. 207-8) – e *regiões* – nomes que indicam o que “não é nem contínuo nem delimitado no tempo, sendo instanciado sempre que ocorre um caso do processo da base”¹¹ (p. 207-8). Segundo essa distinção, em

8. “(...) two modes of cognitive processing that may be invoked for the conceptualization of a complex scene (...)”

9. “(...) sequential scanning involves the transformation of one configuration into another, or a continuous series of such transformations (...)”

10. “(...) each set of events contributing something to a single configuration all facets of which are conceived as coexistent and simultaneously available.”

11. “a single episode of the process indicated by the verb stem”

12. “neither continuous nor bounded in time, being instantiated whenever some instance of the base process occurs”

(1) Infelizmente, a conversa virou uma discussão.

discussão é episódio, enquanto em

(2) A discussão deste tema é antiga.

discussão é região.

A interpretação verbal pode, ainda, indicar subjetivização/subjetificação, entendida como “(...) tendência para o envolvimento do conceptualizador/locutor naquilo que diz – importante desenvolvimento da Semântica Cognitiva e da linguística funcionalista” (Soares da Silva, 2006, 105). A noção de subjetivização/subjetificação me parece presente na descrição do português brasileiro há mais tempo:

Em geral, podemos nos manifestar acerca de alguma coisa de uma maneira neutra, positiva ou pejorativa. As expressões positiva e pejorativa são expressões de atitude subjetiva; embora as expressões positivas contem com algumas marcas morfológicas, é muito mais significativa a marca morfológica de pejoratividade. (Basilio, 1987, 86)

A ela me parece dever-se a distribuição entre a expressão de interpretação verbal subjetiva pelo sufixo –ção e a expressão de interpretação verbal neutra por sufixo nominalizador, especialmente –mento:

O sufixo –ção, um dos sufixos nominalizadores mais produtivos, é também um caso típico de pejoratividade. Além do uso formal neutro de função exclusivamente nominalizadora, temos também o uso de –ção para referência a uma ação como exagerada em sua habitualidade: bateção, encheção, torração, etc. (Basilio, 1987, 87)

Sendo assim, a expressão de subjetividade por meio de –ção cria pares em que o substantivo em –mento apresenta interpretação verbal neutra e o substantivo em –ção apresenta interpretação verbal pejorativa, como *batimento/bateção* e *enchimento/encheção*. Também favorece a formação de substantivos exclusivamente em –ção a partir de verbos que, do contrário, não teriam contraparte nominal por não ocorrerem no registro formal, onde se dá a pressão comunicativa pela interpretação verbal neutra, como *beijar-beijação*, *sacanear-sacaneação* e *trepar-trepação*.

Para dar conta da interpretação nominal, listada ou não, recorro à proposta de Peirsman & Geeraerts (2006), centrada nas noções *força de contato* e *contenção*. Em

(3) Esta é uma publicação importante.

publicação revela o que os autores consideram como “contiguidade no domínio das ações/eventos/ espaços”, subtipo “causa & efeito”, em que o ato de publicar (interpretação verbal de *publicação*) é contíguo aos resultados de publicar (interpretação nominal de *publicação*, aplicável a uma revista, um

livro, um jornal, qualquer coisa publicável, por isso de caráter hiperonímico). Já o fato de que “(...) o significado ‘coletivo’ em formas nominalizadas, tais como *administração*, *direção*, etc., constitui uma extensão generalizada (...)” (Basilio, 1987, 74-75) evidencia que a interpretação nominal pode se dever ao que Peirsmann & Geeraerts (2006) consideram como “contiguidade no domínio das assembleias e coleções”, subtipo “característica & entidade”, em que as características *administrar* e *dirigir* são contíguas ao grupo de pessoas que administram e dirigem, por isso conceptualizadas como entidades.

Por sua vez, a dimensão morfológica da formação de substantivos a partir de verbos acompanha a relação de maior ou menor transparência entre o verbo e o nome, o que pode favorecer a formação de um novo nome. Por exemplo, o verbo *cometer* tem por nominalização mais antiga *comissão*. Diante da pouca transparência morfológica entre o verbo e o nome, *comissão* se afasta semanticamente de *cometer* e passa a ter exclusivamente interpretação nominal. Na falta de um substantivo que expresse interpretação verbal, o ato de cometer, forma-se um substantivo morfológicamente mais transparente em relação ao verbo, *cometimento*. Além de *comissão* se distinguir de *cometimento* pela exclusiva interpretação nominal de um e a exclusiva interpretação verbal de outro, *comissão* serve de base para a formação de um verbo denominal, *comissionar*, que, por sua vez, serve de base para a formação de outro substantivo deverbal, *comissionamento*, criando-se uma rede em que *comissão*, *cometimento* e *comissionamento* ilustram, mais uma vez, o Princípio da Não-sinonímia.¹³

Concebendo a nominalização como um fenômeno semântico nos termos apresentados nesta seção, passo a uma breve análise de dados, tendo em vista defender a adequação de assim conceber o fenômeno.

3. METODOLOGIA

Conforme explicado na seção anterior, a hipótese central que formulo em Lemos de Souza (2010) e desenvolvo neste artigo é que a formação e a distribuição dos substantivos deverbais do português brasileiro são semanticamente motivadas. Trata-se, por conseguinte, de uma hipótese teórica, que vai ao encontro do pressuposto fundamental da Linguística Cognitiva, segundo o qual a gramática é cognitivamente motivada, e inclui a convicção de que “(...) a forma como a linguagem é usada afeta a forma como é representada cognitivamente e conseqüentemente a forma como é estruturada” (Bybee, 2001, 5).

Logo, não pretendo empreender uma análise quantitativa dos substantivos deverbais, e sim uma análise qualitativa, o que implica que não estou nem associando o uso dos substantivos deverbais a qualquer das variáveis importantes para a Sociolinguística Variacionista nem estou considerando sua co-ocorrência como evidência de mudança em curso na língua. Refiro-me à Sociolinguística Variacionista laboviana como exemplo prototípico de abordagem quantitativa, sem ignorar que outras correntes centradas no uso também trabalham quantitativamente nem pretender transformar em dicotomia a diferença entre *quantitativo* e *qualitativo*. Não havendo como aprofundar essa discussão nos limites deste artigo, pretendo tão-somente evitar a expectativa de uma análise eminentemente quantitativa, com pesos relativos etc.

13. Quanto menor a transparência semântica entre o verbo e o nome, maior a naturalidade da ocorrência do nome como complemento do verbo, como em *vou conseguir cumprir meus compromissos* e não queria recorrer a um recurso tão drástico. Quanto maior a transparência semântica entre o verbo e o nome, menor a naturalidade da ocorrência do nome como complemento do verbo, como em *espero produzir novas produções* e a editora vai publicar outra publicação.

A hipótese retomada de Lemos de Souza (2010) se aplica não somente a formações com os sufixos –ção e –mento; além de incluir outros sufixos, é válida em relação a formações regressivas, como se pode ver nos pares *colação/colagem*, *contação/contagem*, *espera/esperança*, *reparo/reparação*, entre outros. O enfoque nos pares –ção/–mento diz respeito, portanto, à delimitação do objeto, e não à abrangência da hipótese.

Do ponto de vista metodológico, a análise que passo a apresentar se baseia no levantamento de formações por meio do Google ao longo de fevereiro de 2012, nomeadamente as formações que formam pares com as que constam no título deste artigo. Admitidamente, o Google traz usos que apontam ora para a língua escrita (jornais, documentos oficiais, literatura mais ao cânone ou mais à margem etc.) ora para a língua oral (blogs, sites de relacionamento, citações de falas espontâneas etc.). Ao recorrer à ferramenta, acolho a proposição segundo a qual “(...) o **processo** pelo qual os textos escritos realizam sentidos (...) **não** é radicalmente diferente do processo de significação do texto falado” (Koch, 1998, 155).

Ao ler os substantivos *alinhamento*, *balanceamento*, *direção* e *suspensão* juntos – num suporte (uma placa) que se presta tanto à manifestação do oral quanto do escrito – compondo o anúncio de uma oficina mecânica, semelhantes se não idênticos ao qual existem muitos nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, encontrei, já no uso real, uma excelente oportunidade de reforçar a hipótese.

4. ALGUNS DADOS

Os substantivos *alinhamento* e *balanceamento* têm interpretação verbal e são morfossemanticamente transparentes em relação aos verbos *alinhar* e *balancear*, respectivamente. A oficina os usa para anunciar que vende o processo de alinhar e o processo de balancear entre os serviços que presta. Já os substantivos *direção* e *suspensão* têm interpretação nominal e são morfossemanticamente menos transparentes em relação aos verbos *dirigir* e *suspender*. A oficina os usa para anunciar que é capaz de reparar as peças chamadas direção e suspensão, e não que é capaz de dirigir ou de suspender. Casos como o de *direção* e *suspensão* me parecem confirmar que “(...) a fusão fonológica de morfemas reflete seu grau de fusão semântica” (Bybee, 2001, 5).

Se a hipótese inclui a previsão de que se formem tantos substantivos deverbais quantos atenderem à necessidade cognitiva de distinguir sentidos, no limite entre expressividade e economia, é plausível supor que, em prol da expressividade, existam as contrapartes no sufixo complementar, assim como é plausível supor que, em prol da economia, não existam todas as contrapartes no sufixos complementar, ou até nenhuma. A constatação foi de vitória da expressividade, ressalvado que a formação e o uso de *alinhamento*, *balanceamento*, *dirigimento* e *suspensamento* não bastam para garantir que tais formações tenham a mesma força lexical (Cf. Bybee, 1985, 2001) que suas contrapartes. Vejamos os usos encontrados:

alinhamento

Os usos encontrados de *alinhamento* indicam predomínio de interpretação verbal, só que frequentemente associado ao uso de certas palavras, como em:

(4) De acordo com o calendário dos Maias, uma geração antiga de povos que conforme enredemos tinha uma grande facilidade na área da astronomia eles prevêm que em 2012 algo vai acontecer, de acordo aos estudos deles tem tudo haver com a alinhção dos planetas. (ANO XI I / NO. 06 - JUL/AGO DE 2009 - WWW.BPTONLINE.COM) ‘

(5) Bem, eu não acredito que o mundo ira acabar, com uma tsunami jamais vista, ou com uma queda de um meteoro no planete, barras de gelo se derretendo e formando gigantescas ondas, mas sim, eu acho que vai acabar por causa do homem maltratando a natureza, cada ano mais lixos nos rios e causando enchentes, por isso um dia a água estará tão poluída ou nem vai ter água, isso causará o fim das pessoas, mas não do planeta, os mais preveem uma alinhção dos planetas em 2012, mas não acredito. (<http://hypescience.com/24125-fim-do-mundo-2012/>)

(6) A zona cervical recebe atenção especial e cuidado, favorecendo a alinhção da coluna e incrementado a irrigação do cérebro. (http://www.shiatsunoad.com.ar/brasil/br_shiatsunoad.swf)

(7) **Ignus Core** (05-12-2008, 18:46)

Fiz apenas uma imagem pra [aprender](#), minha primeira fake ^^ (Só é piada pra nós 4 da fake huahua)

Queria que avaliassem:

*Cenário

*"Alinhção" dos personagens

*"Alinhção" Dos nomes e Falas

*"Alinhção" Do demon

*Os outfits também, não sei se tem algum erro neles, eu fiz os 4 hoje a tarde.

Enfim, ta ae

To fazendo isso porque pretendo fazer fakes, mas não quero fazer nada malfeito

Abraços

(<http://img176.imageshack.us/img176/323/primeiraamigosiprkt7.png>)

(8) Gestão de Tecnologia da Informação

A gestão de serviços de tecnologias da informação é uma disciplina baseada em processos, focada em alinhar os serviços de TI com as necessidades das empresas por meio das *melhores práticas*, enfatizando os benefícios que o cliente final pode obter. Essa alinhção não será excessivamente formal nem restritiva, mas se tentará conservar todos os elementos chaves para a padronização dos processos de gestão de TI como também a fácil implantação de ferramentas de suporte a esses processos. (http://www.tecnasys.com/servicos_gestao.html)

Os exemplos (4)-(7) apontam para o uso de *alinhção* somente quando se alinham certas coisas, como planetas, personagens e coluna, o que sugere uma relação de hiponímia em relação a *alinhamento*, que, como qualquer especialização de sentido, evoca o Princípio da Não-sinonímia. O exemplo (8) traz o uso anafórico de *alinhção*, o uso mais prototípico da nominalização, em que se esperaria ainda mais a ocorrência de *alinhamento*.

Exemplos de *alinhacão* com interpretação nominal, que *alinhamento* não apresenta, reforçam a incidência do Princípio da Não-sinonímia:

(9) O terapeuta cuida a sua própria postura, e ao mesmo tempo a posição e alinhacão do paciente. (http://www.shiatsunuad.com.ar/brasil/br_shiatsunuad.swf)

(10) Cara, olhei o vídeo inteiro... e esse avião é bemmmmm diferente de todos os outros aviões do tipo que eu ja vi! Nunca tinha visto até hj um avião comercial equipado com Head-up Display (HUD), aquela telinha de LCD que a maioria dos caças e outros aviões militares tem, onde mostra altitude, velocidade e alinhacão. (Anônimo - 26/09/2011)

balanceacão

Foram pouquíssimas as ocorrências de *balanceacão* encontradas. Numa análise qualitativa, isso não é relevante, haja vista que não há a preocupação em demonstrar frequência, e sim existência, chancelada, não pela intuição do analista, e sim por alguma manifestação de uso:

(11) Ah sim, isso eu concordo com você. Mas o problema da exp ja foi resolvido na S3, vc ja deve saber. Já a balanceacão de personagens deve ser como eu disse antes.

LUG: KOG, o bGC quer uma balanceacão nos personagens.

KOG: Não estamos afim, preferimos continuar criando mais pets pro naGC

LUG: Tá ._.

(12) **Ofertinha** (21-05-2007, 21:32)

Fazeria nao existe =D. (adoro erros de português.)

@Topic

:> + [vantagens](#) pra sorc! menos cap! e que viva a “Balanceacão!”

(<http://forums.tibiabr.com/archive/index.php/t-161433.html>)

(13) Bom o outfit naum parecer ser lá essas coisas, o sistema de interaçã com Npcs parece ter fikado melhor, novos foods (indiferente), o melhor foram as novas armas, parece que vai ser melhor o proximo update. Só espero que o Teaser 6 não seja “Balanceacão de Vocações”...

(<http://74.54.222.7/showthread.php?p=3518900>)

Novamente, a palavra *personagem* – ou, antes, o *frame* a que remete, o mesmo a que remete *vocaçã* – indica especialização de sentido no substantivo deverbal. O exemplo (12) permite lembrar que a pressão normativa atua sobre a formaçã e o uso de novos substantivos deverbais, o que impede de capturar a motivaçã cognitiva isoladamente.

dirigimento

Os casos em que o substantivo em –ção está mais vinculado à interpretação nominal que à verbal, como *direção*, *suspensão*, *condução*, *inspiração* etc., geram a necessidade de um substantivo em –mento que exprima o ato ou o processo de X, em que X é o verbo-base. Na verdade, o sufixo –mento é o mais usado para formar substantivos com interpretação verbal, haja ou não a contraparte em –ção. A busca via Google revelou não somente ocorrências de *dirigimento* e *suspendimento*, como também de *conduzimento* e *inspiramento*, além de *haveção/havimento*, em que nem o substantivo em –ção nem o substantivo em –mento são consagrados na língua:

(14) AAAAAAAHHHHHH salci-fufu!

Festinha?

Terça que vem que vem ou seja dia óóóito do cinco.

Sugestão de lugares e pá estão sendo aceitas

a escolha da data se da ao “não havimento de aula” porquêe que quê?! terá palestra

(Anônimo - 28/03/2008)

Valeu galeraaaaaaa!

Uhuuuulll manooo!

yéééé! bróder!

(<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=28537663&tid=2591395971477699910>)

(15) Os jogos opositivos em relação aos dois autores, aqui produzidos, compuseram-se com o intuito de mostrar as marcas de sentido internadas em suas letras ficcionais. Como cada um lida com essa dimensão é o que se buscou evidenciar. Há de se dizer ainda, que não se pretendeu estabelecer comparações de ordem estética ou estilística às obras – todas se fazem bem postas na atual cena da literatura brasileira. O que se quis, isso sim, foi modular as marcas significacionais do discurso ficcional de ambos, a um modo originário de *havimento* com a palavra.

O uso de *havimento* em (14), encontrado no Orkut, uma rede social amplamente utilizada no Brasil, é o que realmente interessa aos objetivos deste artigo, já que o verbo-base é mesmo *haver*. Já o uso de *havimento* em (15), encontrado na dissertação de mestrado “Na fábrica do presente brasileiro”, disponível na internet, razão por que o Google identificou, tem por base o verbo *haver-se*, presente na gramática de poucos falantes, especialmente a dos mais letrados, como um candidato ao título de mestre. Trata-se, portanto, de um caso de homonímia.

Concluída a observação sobre a tendência de –mento ser usado para a expressão de interpretação verbal, vejamos algumas ocorrências de *dirigimento*:

(16) Meu dirigimento é perfect *-*

Caraca, todos esses dias dirigindo pra belém...
to estoraaado!!

mas se bem que por um lado eu gosto, assim eu aprendo a andar veiculado só em belém... hehehe
nem o Breno que ja dirige a bastante tempo sabe dirigir lá [ele
encostou num carro na rua, tirou uma tintinha do super =S] kkkk

hoje senti muita saudade do bertoldo...da barca de todos os dias, enfim, TUUDO! *_* AndrewArnon. (ligado,18 março, 11,(<http://www.fotolog.com.br/andrewarnon/80001295/>))

Ainda há solidariedade

(17) "Quando, à nossa volta, vemos despontar o amor, sabemos que o mundo novo de solidariedade para com o próximo, de respeito para com a infelicidade dos outros, nos dá a esperança de crescer cada vez mais e se tornar paradigma de futuros mais risonhos e esperançosos".

Caiu sobre o Haiti a catástrofe de um terrível sismo tendo deixado aquela atormentada gente ainda mais pobre e desprotegida. Não era uma terra produtiva e explorado o seu solo. Com uma agricultura, a sua principal riqueza, pouco desenvolvida e, com um subsolo relativamente rico mas não desfrutado, vivia com dificuldades múltiplas e acrescidas pela incúria da sua população e mau dirigimento dos seus governantes. (...)"

(<http://www.jornalaguarda.com/noticia.asp?idEdicao=335&id=18168&idSeccao=4481&Action=noticia>) Arquivo: Edição de 21-01-2010 - SECCÃO: Editorial

Os exemplos (16)-(17) remetem ao ato de dirigir, seja literalmente, seja metaforicamente, o que, além de revelar a clássica projeção do domínio concreto ao abstrato, reforça a hipótese de que a motivação cognitiva para a formação e o uso de substantivo deverbal em –mento quando já existe um substantivo em –ção a partir do mesmo verbo é a necessidade de interpretação verbal não suprida pelo substantivo em –ção. Dado que direção apresenta o sentido relativo a uma peça de automóvel e o sentido relativo a um conjunto de pessoas que dirigem (Cf. o “significado coletivo” de que trata Basilio (1987) em citação na seção 2), o sentido relativo ao ato ou o processo de dirigir tende a distinguir-se em dirigimento, que, assim, se especializa semanticamente na expressão de interpretação exclusivamente verbal. A frequência de uso desses sentidos e sua associação à forma em –mento e/ou à forma em –ção só se poderiam medir numa análise quantitativa.

suspendimento

A mesma motivação cognitiva que leva à formação e ao uso de *dirigimento* leva à formação e ao uso de *suspendimento*. Afinal, assim como em *direção*, são ativados por *suspensão* interpretações outras que não a verbal – neste caso, o sentido relativo a um conjunto de peças de automóvel. Eis algumas das ocorrências encontradas:

(18) Gostaria de saber o porquê do suspendimento do meu perfil, eu tenho este direito. Como recupera-lo? (<http://google.com/suport/forum/p/orkut/thread?tid=lac3427fc96ca>)

(19) sábado, 21 de janeiro de 2012

Suspendimento de Campeonatos

Suspendimento do Campeonato de Stock e Kart,por faltas de pilotos incristos nessa categoria,continuaremos com GT Light e Formula. (<http://apvracing.blogspot.com/2012/01/suspendimento-de-campeonatos.html>)

(20) Peugeot 206 Soleil 01/02

em excelente estado de conservação, nunca foi batido, de não fumante, completo, cor prata, quatro

(4) portas, 1.0 16v, motor com baixa kilometragem original, todo original, chave original com alarme e trava embutido, chave reserva, vidro elétrico com módulo de suspendimento automático, com dvd, estofamento em excelente estado e original, porta copos, regulagem de volante, farol xenon. Qualquer duvida entre em contato. Cel (27) 99796125 Victor. Preço negociável... (http://carro.mercadolivre.com.br/MLB-219931835-peugeot-206-soleil-0102-_JM)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção da nominalização verbal como um processo semântico remete a um programa de pesquisa em que se pretende demonstrar a adequação de conceber toda a formação de palavras como um fenômeno semântico. Com isso, deixa-se de ter processos e regras de formação de palavras no sentido com que os termos “processo” e “regra” foram instituídos pelo gerativismo lexicalista, segundo o qual a formação de palavras se dá pela operação de algoritmos. Passa-se a ter a ativação de padrões por motivação cognitiva e por força do uso (Cf. Bybee, 1985, 2001).

O fato de que a nominalização de verbos envolve duas classes semânticas que guardam entre si uma relação paradigmática entre esquemas imagéticos complementares – o da classe verbo caracterizado pela presença de tempo, o da classe nome caracterizado pela ausência de tempo – repercute no caráter aberto das duas classes de palavras correspondentes, verbo e substantivo, e explica por que é impossível falar português sem usar substantivos deverbais. Também explica por que a formação de substantivos deverbais e a formação de verbos denominais são fenômenos tão fundamentais para a expansão do léxico, com destaque para o papel da metonímia (Cf. Basilio, 2007), aqui já mencionado como responsável pela interpretação nominal dos substantivos deverbais.

Na breve análise apresentada na seção 3, procurei demonstrar duas das hipóteses apresentadas na seção 2: a de que substantivos deverbais só são formados a partir do mesmo verbo em relação de não-sinonímia entre duas interpretações verbais (*condução/conduzimento*, *elevação/elevamento*, *monitoração/monitoramento*) ou em decorrência do predomínio ou exclusividade da interpretação nominal (*comissão/cometimento*, *inspiração/inspiramento*, *conferência/conferimento*, *procuração/procura*), caso em que a não-sinonímia se revela na própria distinção entre a interpretação nominal estabelecida como prioritária para um substantivo e a interpretação verbal a ser expressa por outro a partir do mesmo verbo, este sempre em –mento ou regressivo. Os substantivos *alinhamento* e *balanceamento* apontam para a primeira hipótese, enquanto os substantivos *dirigimento* e *suspendimento* apontam para a segunda.

A hipótese de que se forma outro substantivo a partir do mesmo verbo para a expressão de interpretação verbal pejorativa por força da subjetivização/subjetificação ratifica a hipótese de não-sinonímia entre duas interpretações verbais, uma neutra, outra pejorativa (*batimento/bateção*, *desabamento/desabação*). Essa hipótese não foi contemplada na análise acima para evitar que este artigo se tornasse mais extenso que o permitido.

ALIGNMENT, BALANCING, DIRECTION AND SUSPENSION: FINDINGS ON DEVERBAL NOUNS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT

According to Cognitive Linguistics, this paper is meant to show that the formation and the distribution of deverbal nouns in Brazilian Portuguese are semantically motivated. By analysing nouns in –mento and –ção in use, I highlight the difference among verbal and nominal senses, and defend that word-formation, in general, and the formation of deverbal nouns, in particular, are due, not to processes and rules as in the generative lexicalism, but rather to the activation of morpho-semantic patterns by cognitive motivation and usage.

KEY WORDS: *lexicon, morphology, semantics, Cognitive Linguistics*

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Basilio, Margarida. (1987). *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.

Basilio, Margarida. (2007). *O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em português*. In Revista da ABRALIN, v. VI, n. 2.

Bybee, Joan. (1985). *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: Benjamins.

Bybee, Joan. (2001). *Phonology and language use*. Cambridge, Nova York, Austrália: Cambridge University Press.

Gibbs, Raymond & Colston, Herbert. (1995). *The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations*. Cognitive Linguistics 6(4), p. 347-378.

Goldberg, Adele. (1995). *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.

Koch, Ingedore. (1998). A produção textual do sentido. In Valente, André (Org.). *Língua, Linguística e Literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Langacker, Ronald. (1987). *Foundations of cognitive grammar. Vol. I: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.

Lemos de Souza, Janderson. (2010). *A distribuição semântica dos substantivos deverbais em -ção e -mento no português do Brasil: uma abordagem cognitiva*. UFRJ, tese de doutorado.

Lyons, John. (1968). *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Nascimento, Mauro José Rocha do. (2006). *Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções*. UFRJ, tese de doutorado.

Peirsman, Yves & Geeraerts, Dirk. (2006). *Metonymy as a prototypical category*. Cognitive Linguistics 17(3), p. 269-316.

Soares da Silva, Augusto. (2006). *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina.